

CORPO E GÊNERO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA PRÁTICA DO BRINCAR LIVRE COM O BAÚ BRINCANTE¹

Eixo Temático 06 - Corpo, Gênero e Educação / Axis 06 - Body, Gender, and Education

Anatalia Oliveira de Souza²
Luana Sena da Silva³
Taísa Santos Sacramento⁴
Marilete Calegari Cardoso⁵

RESUMO

O brincar livre é essencial no desenvolvimento infantil, possibilitando um espaço de experiência que permite expressão corporal e liberdade na criação de brinquedos e brincadeiras sem imposição de gênero. Nesse contexto, este trabalho visa refletir sobre as experiências do projeto “Baú Brincante: o potencial do brincar livre com materiais não estruturados” em uma creche no município de Jequié - BA, oferecendo uma análise das maneiras como o corpo e as relações de gênero são tratados nesse processo de brincar e aprender. Com abordagem qualitativa bibliográfica, baseada em Butler (2003; 2004) e Foucault (1988), a pesquisa evidencia que o projeto desconstrói estereótipos e amplia as possibilidades de ser da criança, promovendo um espaço de experimentação autêntico e criativo.

Palavras-chave: Brincar livre, Baú Brincante, Educação Infantil, Gênero no brincar.

INTRODUÇÃO

¹ Projeto Interinstitucional - UESB/UFBA - Baú Brincante: O potencial do brincar livre das crianças da Educação Infantil”. Financiado pela Bolsa de Iniciação Científica PIC/UESB- CNPQ e aprovado pelo Comitê de Ética CAAE – 19577219.9.0000.0055 – Parecer 3.668.776.

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/ campus de Jequié. Email: oliveiraanatalia356@gmail.com

³ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/ campus de Jequié. Email: luanasenna013@gmail.com

⁴ Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB/ campus de Jequié. Email: taisasantossacramento@gmail.com

⁵ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia/UFBA. Docente do departamento de Ciências Humanas e Letras -DCHL/UESB Jequié. Email: marilete.cardoso@uesb.edu.br

O brincar é uma prática central na infância, pois representa um meio de expressão, exploração e construção de subjetividades. E no contexto educacional, o brincar vai além de um simples entretenimento, tornando-se uma poderosa ferramenta para refletir sobre questões sociais, culturais e identitárias, incluindo as de gênero e corpo. Desde as primeiras interações, as crianças estão imersas em um ambiente repleto de normas e expectativas, muitas vezes impositivas, que ditam o que é considerado "adequado" para meninos e meninas. Tais normas, muitas vezes silenciadas e invisibilizadas, se refletem em comportamentos, brincadeiras e até no modo como o corpo é percebido e representado na infância. Em face disso, é fundamental repensar as práticas pedagógicas, especialmente aquelas que envolvem o brincar livre, como espaços potentes de resistência e reconfiguração.

Nesse cenário o Baú Brincante (2019-2024) surge como uma proposta inovadora na Educação Infantil, particularmente no município de Jequié, Bahia, ao oferecer um espaço onde o brincar livre não é apenas uma possibilidade de interação com o ambiente, mas também um campo fértil para a reflexão sobre corpo, gênero e identidade. Este projeto, que promove o brincar ao ar livre em um ambiente natural e sem as limitações impostas por práticas pedagógicas rígidas, desafia as normas tradicionais de ensino, permitindo que as crianças vivenciem suas próprias formas de expressão e reconheçam seus corpos como protagonistas de suas próprias histórias.

Este artigo propõe refletir sobre as intersecções entre corpo, gênero e o brincar livre. Buscando analisar como o projeto Baú Brincante contribui para a desconstrução das normativas de gênero e do controle sobre o corpo infantil, promovendo um ambiente de liberdade e possibilidades.

Com base nas ideias, principalmente, de Judith Butler (2003; 2004), Michel Foucault (1988), este trabalho visa refletir sobre as práticas do Baú Brincante e suas implicações para a Educação Infantil, oferecendo uma análise das maneiras como o corpo e o gênero são tratados nesse processo de brincar e aprender. Em última instância, o objetivo é evidenciar o poder do brincar livre como um espaço de resistência e reconfiguração, essencial para o desenvolvimento de crianças conscientes de sua autonomia e liberdade, livres das amarras das expectativas tradicionais de gênero.

Judith Butler (2004; 2003), desestabiliza a ideia de um gênero fixo e biológico, propondo que o gênero seja performático, ou seja, construído e reiterado por meio de práticas sociais. Para a infância é um período fundamental para entender como

essas performances de gênero começam a se formar e como as instituições sociais, incluindo a escola, atuam na repetição de normas que restringem as possibilidades de identidade.

Além disso, a obra de Michel Foucault (1988), oferece uma reflexão sobre o corpo e as relações de poder. Analisando como as instituições sociais moldam e disciplinam os corpos, controlando não apenas o comportamento, mas também a maneira como as crianças percebem suas identidades e sexualidades. O brincar livre e o Baú Brincante, nesse sentido, podem ser vistos como um espaço subversivo, capaz de quebrar as normas e gerar novas formas de subjetividade, onde o corpo não é apenas disciplinado, mas um meio de resistência.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como uma investigação qualitativa, de caráter bibliográfico e de campo, com o objetivo de compreender as interações entre corpo, gênero e o brincar livre no contexto do projeto Baú Brincante, bem como os desafios desse brincar, enquanto espaço de desconstrução das normas de gênero e da socialização do corpo na primeira infância.

O caráter bibliográfico da pesquisa se fundamenta, principalmente, nas obras de Judith Butler (2003; 2004), Michel Foucault (1988), Carol Gilligan (1982). Obras essenciais que ajudam a estabelecer o referencial que subsidia a análise das práticas do Baú Brincante e suas relações com as construções de identidade de gênero e de corpo, buscando contextualizar a pesquisa dentro de um campo mais amplo de estudos sobre Educação Infantil, o brincar e a diversidade de gênero.

A pesquisa de campo é centrada nas observações realizadas durante as vivências do Baú Brincante, que investiga o potencial do brincar livre em espaços da Educação Infantil, com foco na criatividade e na autonomia das crianças através da exploração dos materiais não estruturados⁶. A observação é realizada com várias finalidades e para este estudo, com a intenção de identificar como as questões de corpo e gênero se manifestam no brincar, considerando as dinâmicas de poder e as construções identitárias presentes nas atividades.

⁶ Os materiais não estruturados são objetos/brinquedos não convencionais, utilizados pelas crianças para criar suas brincadeiras. Como por exemplo telefone, celular, mouse, notebook, óculos, utensílios de cozinha e vários outros objetos não úteis para os adultos e que seriam naturalmente descartados como “lixo”.

Além da observação direta, o diário de campo desempenha um papel central na documentação e reflexão da pesquisa. Pois, permite registrar de maneira detalhada as experiências, impressões e desafios encontrados durante as observações, oferecendo uma perspectiva reflexiva que enriquece a análise dos dados. Além disso, a utilização de fotografias, devidamente autorizadas pelo Comitê de Ética, é um recurso importante na documentação do brincar, capturando momentos significativos que revelam as formas como as crianças interagem com o espaço, com seus corpos e entre si.

A metodologia de pesquisa se configura, portanto, como uma fusão entre a observação participante e a análise teórica, com a intenção de compreender como as práticas pedagógicas podem contribuir para uma educação que respeite a diversidade de corpos e identidades, desafiando as construções normativas de gênero desde a primeira infância. Possibilitando uma reflexão rica e complexa, e permitindo uma compreensão aprofundada da realidade observada no Baú Brincante e das implicações pedagógicas do brincar livre na formação de identidades de gênero e da relação das crianças com seus corpos.

Corpo e gênero: Reflexões sobre as brincadeiras na Infância

O projeto Baú Brincante se configura como uma poderosa experiência brincante que desafia as normas convencionais de gênero e as limitações associadas ao corpo das crianças na Educação Infantil. Ao utilizar materiais não estruturados o projeto propõe um espaço onde a brincadeira pode se desenvolver livremente, sem as amarras simbólicas que os brinquedos tradicionais carregam. Esta proposta de brincar com materiais, desprovidos de uma carga social específica, destoa de brinquedos típicos que reforçam a divisão binária entre "brinquedos de meninas" e "brinquedos de meninos". Aqui, as crianças podem escolher livremente o que brincar, independentemente de seu gênero, criando um ambiente onde as identidades de gênero não são impostas, mas sim negociadas a partir da experiência do brincar.

O sociólogo Gilles Brougère (1997) aponta que os brinquedos não são apenas objetos de lazer, mas carregam consigo significados e construções sociais profundas. A boneca, a bola e o carrinho, por exemplo, são mais do que simples brinquedos: eles são impregnados com as expectativas sociais de gênero, onde a boneca é atribuída à menina, o carrinho ao menino, e com isso, há uma delimitação no desenvolvimento da

identidade de gênero infantil. Esses objetos reforçam a binaridade e a normatividade que permeiam a socialização da criança, limitando sua liberdade de expressão e ação.

Ao contrário desses brinquedos, no Baú Brincante, os objetos são neutros em termos de gênero, o que permite que todos os brinquedos sejam compartilhados por todas as crianças. Esse aspecto do projeto cria uma atmosfera de igualdade e liberdade, onde as crianças podem explorar e expressar-se de maneira mais fluida, sem as imposições do que "deveriam" ser ou fazer.

Como observadora e pesquisadora, é fascinante perceber como as crianças, ao terem acesso a esses objetos desprovidos de uma marca de gênero pré-estabelecida, mostram uma liberdade e criatividade inesperadas. Em uma das observações, uma criança, ao pegar uma caixa de papelão, começou a utilizá-la como se fosse um "carro", empurrando-a rapidamente pelo espaço, enquanto outra criança, que se aproximou, usou o mesmo objeto para se esconder, criando uma "casa" com a caixa. Nenhuma delas se questionou sobre o "uso correto" do objeto, e ambas transitaram com liberdade entre os papéis e os brinquedos, sem que seu comportamento fosse interpretado como "masculino" ou "feminino". Nesse contexto, a criança não se vê obrigada a se enquadrar em uma representação do corpo ou do gênero, mas sim, tem a oportunidade de criar novas formas de ser e de expressar a si mesma.

O Baú Brincante se aproxima do conceito de "corpo livre" defendido por Judith Butler (2003), que argumenta que a identidade de gênero não é algo imposto biologicamente ou previamente determinado, mas algo que se constrói e se performa a partir das ações e comportamentos cotidianos. Em suas teorias, a autora sugere que as normas de gênero são repetidas e reforçadas ao longo do tempo por meio de performances sociais, que ocorrem em gestos, palavras e atitudes cotidianas. A liberdade proporcionada pelo Baú Brincante permite que as crianças se distanciam dessas performances rígidas, criando novas formas de interagir com seus corpos e com os outros, sem a pressão de representar um gênero específico, uma experiência de resistência às normas sociais de gênero, permitindo o florescimento de corpos mais flexíveis e menos restritos.

No projeto, o corpo da criança não é encarado como um campo de disciplina ou dominação, como sugerido por Foucault (1988), mas como um espaço de experimentação e expressão. A ausência de regras rígidas de gênero, que muitas vezes limitam o comportamento das crianças nas interações sociais, cria um campo fértil para

a construção de novas possibilidades de ser e agir, pois os corpos se tornam uma extensão da liberdade criativa, sem amarras.

Ademais, o caráter do brincar livre também nos remete à ideia de "educação como liberdade" proposta por Paulo Freire (1996), que enfatiza a importância de uma educação libertadora, capaz de proporcionar aos sujeitos a possibilidade de se conhecerem e se expressarem em sua plenitude. Nas vivências do projeto, as crianças têm a oportunidade de experienciar essa liberdade, sendo estimuladas a agir e reagir de acordo com suas vontades e desejos, sem a pressão externa de apenas agir como esperam. A prática do brincar, portanto defendemos, vai além do simples ato de brincar, se torna uma ferramenta potente de construção e desconstrução, um processo contínuo de negociação entre o indivíduo, o corpo e as normas sociais.

Por fim, o Baú Brincante nos convida a refletir sobre como a infância pode ser um campo de possibilidades infinitas para a construção de identidades de gênero mais fluidas e plurais, afastando-se das rígidas dicotomias que moldam o imaginário social. Ao proporcionar um espaço de brincar onde o corpo é livre de limitações e as construções de gênero são desafiadas, o projeto cria condições para o surgimento de novas formas de relações, favorecendo uma infância mais inclusiva, criativa e, sobretudo, livre.

Brincar Livre: Desconstruindo estereótipos por meio de materiais não estruturados

Devido ao machismo construído socialmente, cuidar da casa e dos filhos é uma atividade exclusivamente da mulher. Nesse cenário, as brincadeiras na infância são condicionadas de modo que as mulheres assumam esse papel desde muito cedo, não é atoa que as meninas desde a primeira infância são estimuladas a brincar por exemplo de cozinhar ou de mãe e filho. Já os meninos são incentivados a brincar de carrinho, futebol e brincadeiras mais “agressivas”.

Durante a pesquisa tivemos a oportunidade de observar que a ideia de que existem brinquedos designados a meninas e a meninos é de fato uma construção social. Pois, ao se deparar com materiais que não existiam marcador de gênero, um dos meninos utilizou alguns dos materiais não estruturados (rolos e tampas) para preparar sua belíssima mesa de jantar. Esse acontecimento evidencia como as crianças são condicionadas a terem esse tipo de comportamento, pois mesmo diante de tantas

possibilidades, o menino decidiu criar uma mesa de jantar, contrariando a ideologia social. Como podemos observar na figura abaixo:

Figura 1 - A mesa de jantar



Fonte: arquivo das pesquisadoras (2024)

Além disso, constantemente, na nossa sociedade, a mulher é condicionada a ser apenas dona de casa, como se nascer mulher significasse ter um apetite natural para afazeres domésticos. Nessa situação, cargos vistos como "superiores", como os que exigem o domínio das tecnologias digitais, normalmente são associados a homens brancos e héteros. Apesar desse ideal coletivo, durante o desenvolvimento da pesquisa evidenciamos como o envolvimento do público masculino em tais cargos é algo construído socialmente, pois várias meninas se interessaram pelos notebooks e outros objetos disponibilizados. Na imagem a seguir, podemos observar que a menina está brincando, simulando participar de uma reunião, ao mesmo tempo que resolve pendências no computador, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 2 - O escritório



Fonte: arquivo das pesquisadoras (2024)

Esses registros evidenciam que ninguém nasce sabendo o que é de homem e o que é de mulher, o que constrói a figura do homem e da mulher na sociedade são as condutas criadas pela própria sociedade. A criança, ao brincar de forma livre com materiais não estruturados, usa sua imaginação para criar vários contextos que vão muito além dos estereótipos criados socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Baú Brincante se configura como uma prática inovadora, ao propiciar um espaço de brincar livre onde o corpo e as identidades de gênero das crianças podem ser experimentados sem as limitações impostas pelos brinquedos convencionais ou pelas normas sociais. Ao utilizar materiais não estruturados e proporcionar total liberdade no brincar, o projeto desconstrói rígidas fronteiras de gênero, permitindo que as crianças explorem suas possibilidades de ser de forma autêntica e criativa.

A partir da teoria de autores como Gilles Brougere, Judith Butler e Michel Foucault, foi possível compreender como a prática do brincar livre no Baú Brincante contribui para a construção de corpos e identidades de gênero mais fluidos e menos prescritivos, oferecendo uma experiência educacional que vai além do simples ato de brincar.



A proposta do projeto é um convite para repensar as formas como a educação infantil pode contribuir para a construção de um mundo mais inclusivo, onde as crianças tenham liberdade para vivenciar suas identidades sem as amarras das expectativas sociais. O Baú Brincante reafirma, assim, o papel fundamental do brincar na formação de sujeitos críticos, criativos e livres, capazes de desafiar as normas e construir novas formas de viver e ser.

REFERÊNCIAS

BROUGÈRE, Gilles. Brinquedo e cultura. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

BUTLER, Judith. Caminhos de Perda: As Questões de Gênero e a Ética da Vulnerabilidade. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

_____. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade: A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1988.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª ed. rio de janeiro: paz e terra, 1987.

CARNEIRO, Sueli. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

VYGOTSKY, Lev. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.